

## **Transtorno Espectro Autista e ensino inclusivo: uma conexão necessária em fins didático-pedagógicos**

Janete Hickmann<sup>1</sup>, Rita de Cássia Soares Duque<sup>2</sup>, Domingos Aparecido dos Reis<sup>3</sup>, Alysson Rafael Ribeiro de Pontes<sup>4</sup>, Silvane Pereira de Oliveira<sup>5</sup>, Glauce Gonçalves da Silva Gomes<sup>6</sup>, Regiane da Silva Rocha<sup>7</sup>, Jelson Budal Schmidt<sup>8</sup>, Michelle de Souza Simone<sup>9</sup>, Fábio José Antônio da Silva<sup>10</sup>

<sup>1</sup>(Universidade Feevale, Brasil)

<sup>2</sup>(Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil)

<sup>3</sup>(Must University, EUA)

<sup>4</sup>(Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil)

<sup>5</sup>(Universidade Del Sol, Paraguai)

<sup>6</sup>(Secretaria Municipal da Educação de Palmas, Brasil)

<sup>7</sup>(Rede de Ensino Municipal de Borá, Brasil)

<sup>8</sup>(Faculdade Ielusc; Faculdade Guilherme Guimbala, Brasil)

<sup>9</sup>(Universidade Estadual Paulista, Brasil)

<sup>10</sup>(Faculdade Anhanguera, Brasil)

---

**Resumo:** Os indivíduos portadores do Transtorno Espectro Autista (TEA) apresentam uma série de condições que podem comprometer seu desenvolvimento psicomotor, sua aprendizagem, sua interação social ou seu comportamento. Em função de não haver cura, o TEA não é caracterizado enquanto doença física ou mental e constitui-se enquanto conjunto de diversas síndromes que se manifestam antes dos 36 meses de vida da criança. A inclusão de estudantes portadores do TEA foi um dilema questionável ao longo do tempo, entretanto, com a insurgência de novas pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, pressupostos desafiadores estão sendo substituídos pelo trabalho de equipes multidisciplinares que atuam efetivamente na busca pelo pleno desenvolvimento dos estudantes com TEA. Neste ínterim, sabe-se que a rede pública de ensino carece de recursos e investimentos para um efetivo AEE na SRM, embora, faz-se necessário que as legislações e políticas públicas favoreçam o uso de recursos inovadores em ensino e aprendizagem para este público, bem como, intensifiquem a equipe multiprofissional/multidisciplinar para as camadas mais vulneráveis em âmbito socioeconômico.

**Palavras-chave:** Contexto escolar; Ensino e aprendizagem; inclusão; TEA.

---

Date of Submission: 03-04-2023

Date of Acceptance: 16-04-2023

---

### **I. Introdução**

As deficiências foram vistas por muito tempo como substância imutável ou como entidade externa que desequilibra estudantes em seu cotidiano escolar frente a interação social e construção do conhecimento. Além disso, muitas famílias também enxergavam as deficiências no mesmo ínterim, entretanto, as novas tendências em pesquisas, recursos e tecnologias transformam mediante relações sociais e incorporam potencialidades no ensino, formação de professores e acessibilidades na infraestrutura escolar, rompendo muitos desses pressupostos. Portanto, a educação inclusiva entra cada vez mais em ascensão e passa a ser repensada e discutida, deixando de ser apenas uma modalidade de ensino, reduzida a operacionalização de práticas, para ser problematizada como transformadora de realidades (WUO, 2019).

Cunha e Mourad (2021) destacam que a visibilidade do contexto inclusivo se dá pela aceitação dos familiares das pessoas com deficiência. Dessa forma, um longo caminho precisa ser percorrido para articular a família, o estudante e a escola, a fim de que as pessoas que fazem parte da vida do estudante o incentivem, valorize sua autoestima e a importância do estudo para que ocorra avanços em nível social e pedagógico.

Conforme Santana et al. (2020) o TEA está incluído no grupo de transtornos do neurodesenvolvimento, sendo estes manifestados antes que a criança frequente o espaço escolar. Para tanto, estes transtornos comprometem o desenvolvimento pessoal, afetivo e escolar, variando de acordo com as limitações no desenvolvimento de habilidades, acarretando prejuízos sociais ou intelectuais. O aumento dos diagnósticos do TEA levou muitos pesquisadores e profissionais das diversas áreas do conhecimento a buscarem a cura,

entretanto, a ausência de respostas conclusivas levava os mesmos a compor novas alternativas, aumentando significativamente estratégias de tratamento e desenvolvimento dos estudantes e sua frequência nas aulas. Ainda de acordo com os autores, a inserção dos portadores do TEA no ambiente escolar se dá a partir da criação de Políticas Públicas e legislações direcionadas à pessoa com deficiência.

A inclusão escolar de alunos com TEA desperta a necessidade de uma atuação docente que implica em conhecer e se vincular com os estudantes autistas. A partir da boa relação professor e aluno, se dará a busca por novas estratégias de ensino buscando a participação destes alunos na construção de sua aprendizagem (FAVORETTO; LAMONICA, 2014; WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020). De acordo com os autores supracitados, existem limitações na participação efetiva dos alunos com TEA nas aulas, onde muitas vezes estes estudantes possuem dificuldades na interação com os demais, contribuindo na evolução da aprendizagem.

Partindo deste pressuposto contextualizado até o presente momento, surge a seguinte questão de pesquisa: como ocorre o processo de inclusão de estudantes portadores do TEA no ambiente escolar? A resposta para tal questão não discorre a partir de um único discurso direto, mas sim, constitui uma possibilidade de diálogo em pesquisa bibliográfica, agregando contrapontos e argumentos de diversos autores. Por conseguinte, o objetivo deste estudo é refletir em cunho sistemático sobre o processo inclusivo dos alunos com TEA no ambiente escolar.

## **II. Metodologia**

Trata-se de um estudo exploratório e explicativo, caracterizado enquanto uma revisão sistemática de literatura. A revisão sistemática é uma revisão bibliográfica que busca sistematizar dados a partir de publicações na literatura. Acerca da literatura utilizada, este estudo é desenvolvido por um diálogo entre autores que permeiam a produção científica e acadêmica no âmbito da educação especial inclusiva, tal como, pesquisas específicas para o TEA. A natureza do estudo é qualitativa, pois não se busca uma reflexão de dados estatísticos sobre a produção na temática, mas sim, o valor dos dados empíricos e teóricos expressos nos artigos, livros e trabalhos acadêmicos publicados em anais de eventos científicos.

A revisão bibliográfica é o início de uma pesquisa que pode se estender para outros métodos, entretanto, ela emerge o embasamento teórico do autor para com a literatura da área. De acordo com Gil (2008, p. 72):

A rigor, para a adequada formulação do problema requer-se uma revisão bibliográfica preliminar. O pesquisador precisa tomar contato com um certo número de livros e artigos de periódicos para que possa formular um problema viável. Pode ocorrer mesmo que o pesquisador tenha que passar por sucessivas reformulações - e revisões bibliográficas - para que possa dispor de um problema em condições de ser pesquisado.

E acerca da revisão sistemática de literatura, destaca-se o que os fundamentos de Sampaio e Mancini (2007, p. 84):

Uma revisão sistemática, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada. [...] Ao viabilizarem, de forma clara e explícita, um resumo de todos os estudos sobre determinada intervenção, as revisões sistemáticas nos permitem incorporar um espectro maior de resultados relevantes, ao invés de limitar as nossas conclusões à leitura de somente alguns artigos.

Partindo da problemática desenvolvida no contexto introdutório ao trabalho, foram procurados artigos, livros e anais de eventos nas mais diversas bases de dados da literatura, em especial a Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Os trabalhos mais pertinentes ao tema foram selecionados a partir dos seguintes critérios: coerência e compatibilidade em título, resumo e considerações finais; área da educação/ensino e publicado em língua portuguesa. A discussão não foi limitada aos artigos escolhidos inicialmente, porém, foram sendo incorporados trabalhos de outras bases para aprimorar novas perspectivas à discussão. Assim sendo, os autores mais destacados nesta pesquisa são: Mello (2005), Dias et al. (2019) e Carlini et al. (2020).

### **III. Resultados e Discussão**

O autismo aparece antes dos 36 meses de vida da criança, afetando em sua aprendizagem, interação, afetividade, desenvolvimento da linguagem e da fala e, quanto antes sejam realizadas intervenções, os dados/comprometimentos no desenvolvimento em geral, poderão ter seus impactos ser minimizados (SILVA et al., 2015). Na perspectiva de Santos, Araújo e Lima (2019) o autismo é o conjunto de diferentes síndromes que causam perturbações no desenvolvimento neurológico. Estes autores apontam que a Educação Infantil enquanto primeira etapa da Educação Básica tem a finalidade do atendimento integral da criança e a escola deve estar preparada para receber e buscar o pleno desenvolvimento destes estudantes.

Faz-se necessário que os profissionais da educação busquem desenvolver novas maneiras de potencializar o trabalho pedagógico com os estudantes autistas. É importante que ocorram articulações entre os professores e educadores especiais, a fim de que se possa melhorar o desenvolvimento cognitivo, social e intelectual do aluno autista. Diversas outras ações contribuem com este processo, tais como, alterações em práticas pedagógicas, adaptações de currículo e incrementos na estrutura física (AMBRÓS; OLIVEIRA, 2017).

Em termos de currículo escolar e adaptações, destaca-se o que diz Marques (2020, p. 2):

[...] o currículo escolar deve ser revisto para cada aluno que é acolhido na unidade escolar. Não é aconselhável que se pense e elabore um currículo único para a modalidade de Educação Inclusiva ou ainda que os alunos tenham seus conteúdos moldados conforme aquilo que é próprio de cada série escolar. É viável que o aluno seja acolhido, incluído no contexto e não que ele tenha, com todas as suas já dificuldades de integração, se adaptar àquilo que está sendo proposto.

O currículo é um mecanismo extremamente importante para a educação de alunos autistas. Isto pois, um currículo com fundamentos inclusivos que se aplica, de fato, na realidade, leva a autonomia do estudante, aumentando os rendimentos nas disciplinas escolares. Para tanto, a escola passa a ser inclusiva quando aplica todos os fundamentos que estão previstos no currículo e, os desafios são substituídos com o passar do tempo por novas potencialidades. Ainda que os cursos de licenciatura fomentem a abordagem inclusiva na formação inicial, diversos desafios irão surgir na prática, levando a necessidade da articulação entre os docentes e a gestão para a busca por formações continuadas, a fim de que se possa prezar pelo respeito às diferenças e que a escola seja o meio de tornar a sociedade cada vez mais inclusiva (BATTISTI; HECK, 2015).

Quanto aos métodos de ensino para alunos com TEA, destacam-se os mais citados pela literatura: Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH), Picture Exchange Communications System (PECS) e Applied Behavior Analysis (ABA). O método TEACCH busca proporcionar uma articulação interdisciplinar entre a psicologia cognitiva e a linguística, este, é derivado da psicolinguística. O método ABA trabalha o comportamento e as habilidades a partir do reforço e condicionando, este, deriva-se dos estudos de Skinner. O método PECS favorece a comunicação por meio dos símbolos ou imagens, minimizando os impactos das limitações com a linguística (SERRA et al., 2010; DIAS et al., 2019).

O método TEACCH se baseia na organização do ambiente físico através de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como compreender o que se espera dela. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACCH visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente (MELLO, 2005, p. 28).

O PECS foi desenvolvido para ajudar crianças e adultos autistas e com outros distúrbios de desenvolvimento a adquirir habilidades de comunicação. O sistema é utilizado primeiramente com indivíduos que não se comunicam ou que possuem comunicação, mas a utilizam com baixa eficiência. O nome PECS significa “sistema de comunicação através da troca de figuras”, e sua implementação consiste, basicamente, na aplicação de uma sequência de seis passos. (MELLO, 2005, p. 31).

No âmbito educacional, a influência dos modelos explicativos sobre o autismo, ao longo da história, determinou as primeiras iniciativas de intervenção no ensino que, entretanto, foram muito específicas e distanciadas daquelas desenvolvidas no meio social inerente à escola como a conhecemos hoje (BELISÁRIO, 2010, p.08).

Dias et al. (2019) abordam de forma sintética as características e objetivos de alguns métodos (Figura 2). Entretanto, quando se fala de método inclusivo ou método de ensino para alunos com TEA, o objetivo é que tais estratégias não sejam uniformes na sua utilização, ou seja, que também sejam passíveis de adaptações e reformulações de acordo com as necessidades e individualidades dos educandos.

Figura 2 - Métodos de ensino para alunos portadores do TEA.

MÉTODO	OBJETIVO	CARACTERÍSTICAS
TEACCH	Incentivar o aluno autista a comunicar de forma alternativa através de pranchas adaptadas, promovendo a interação com os pares, também no seu desenvolvimento individual, através de rotinas e flexibilidade. (LEITE, 2015, p. 24)	<ul style="list-style-type: none"> <li>A organização da área física, na qual a disposição dos móveis oferece pistas visuais ao aluno de maneira que consiga se deslocar independentemente dentro do espaço, evitando assim a distração e oportunizando-lhe o reconhecimento da função de cada área disponibilizada;</li> <li>A programação diária e o uso de rotinas incorporadas em agendas, que indicam visualmente a rotina programada do aluno, auxiliando na transição independente entre as atividades que deverá realizar (portanto, a indicação visual da agenda individual dependerá do nível de compreensão e comunicação do aluno)</li> <li>Método de ensino, sendo imprescindível, durante o aprendizado de uma rotina pelo aluno autista, posicionar as atividades de forma sistemática e em sequência, a fim de evitar o excesso de instruções verbais (FERREIRA, 2016).</li> </ul>
ABA	Ensinar comportamentos adequados que permitam ao autista uma vida independente e integrada à comunidade (FAGGIANI, 2010).	<ul style="list-style-type: none"> <li>Caramicolo (2013), diz que para a intervenção da análise de comportamento aplicada a crianças com TEA são divididas em fases, sendo elas:</li> <li>avaliação comportamental, buscando apontar as variantes que a controlam;</li> <li>seleção de metas e objetivos, em médio prazo refere-se ao desenvolvimento da comunicação, adequando os comportamentos sociais e generalizando os comportamentos aprendidos;</li> <li>desenvolvimento dos programas de tratamento, no qual se determinam com clareza quais comportamentos devem ser ensinados, sendo necessário que se faça um diagnóstico prévio do que a criança já sabe para que, no decorrer do programa, perceba sua evolução;</li> <li>efetivação da intervenção.</li> </ul>

Fonte: Dias et al., (2019, p. 563).

Na busca por um ensino que se enquadre com as necessidades particulares de cada aluno, surge a metodologia Plano Educacional Individualizado (PEI). Portanto, a acolhida no ambiente escolar e a cooperação contínua entre os profissionais que atuam na Educação Básica pode favorecer qualitativamente na formação integral dos alunos com TEA. Ressalta-se que o papel da família é importante na busca pelo interesse do desenvolvimento do aluno, bem como, na interpretação e aceitação de estratégias delineadas pela escola para com o estudante. O papel dos professores e do profissional que atua no Atendimento Educacional Especializado é importante para a garantia de mediação de qualidade, o que resultará na qualidade da construção do conhecimento (DIAS; SANTOS, ABREU, 2021). Sendo assim, o PEI é elaborado pelo professor a partir das necessidades apresentadas individualmente pelo aluno que foram avaliadas pelo profissional, resultando em um planejamento pedagógico efetivo e direcionado em aparato curricular (BRASIL, 2017).

O tratamento para alunos com TEA visa expandir as capacidades do educando em todos os sentidos, entretanto, o maior desafio dessa intencionalidade é a demanda por uma equipe multidisciplinar, abrangendo a psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, terapia ocupacional, psiquiatria, dentre outros. Quando se trata de famílias de baixa renda, este desafio é ainda mais intenso, pois demanda de recursos públicos, que não são oferecidos, muita das vezes nas prefeituras e estados. Sendo assim, a educação tem um papel fundamental para contornar estas lacunas, na busca por um AEE eficiente que deve ser realizado na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). Tais ambientes contemplem equipamentos e Tecnologias Assistivas (TA) voltadas para a inclusão escolar de alunos com TEA ou demais deficiências, garantindo a aprendizagem.

A permanência do aluno autista no espaço escolar é um desafio a ser enfrentado por todos que buscam o sucesso no cenário educacional. A pandemia de COVID-19 também gerou impactos para os alunos com TEA,

visto que, diversas potencialidades que precisam ser trabalhadas em nível pedagógico e social foram comprometidas pelo isolamento (VIER; SILVEIRA; PRSYBYCIEM, 2020).

Em suma, o professor que tem um aluno portador do TEA na sala de aula, deve se atentar para a apreciação e reflexão das reações apresentadas pelo estudante, tais como: recusa de interação com os demais alunos, falta de comunicação ou até mesmo crises (SILVA et al., 2018). Sendo assim, o professor é capaz de conhecer as nuances que permeiam as expressões do aluno, perfazendo uma melhor adequação de ensino e trabalhando a inclusão com os demais colegas.

O estudo de Martins e Monteiro (2018) destaca uma possibilidade de intervenção com pessoas portadoras do TEA. Em termos de resultados, os autores apontam que a valorização das experiências e saberes dos alunos com TEA pode ser uma possibilidade de interação social, privilegiando as significações que surgem do processo educativo a partir de tal intencionalidade pedagógica. Na perspectiva de Siviero (2015) cada indivíduo com TEA é único e, o diagnóstico apenas apresenta traços e semelhanças, o que vislumbra diversas experiências a partir das novas vivências.

Figura 2 - Principais dificuldades na aprendizagem de alunos com TEA.

**Figura 1** Diagrama de causa e efeito das principais dificuldades no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA



Fonte: Elaborada pelos autores.

Fonte: Grossi et al., (2020, p. 32).

De acordo com Carlini et al. (2020) a inclusão escolar evidenciou a carência de atendimento para com os estudantes que não possuem deficiência. Os autores declaram que há avanços na legislação, contudo, as escolas ainda percorrem um caminho árduo e lento na busca por novas adequações e acessibilidades. Destaca-se que, o processo inclusivo em sua totalidade é difícil em função das precariedades do ensino público, entretanto, aos poucos essa tendência irá se tornar uma realidade, em função dos novos diálogos que estão surgindo a cada dia.

São encontrados desafios para a efetivação da inclusão de pessoas com autismo no cotidiano escolar? Quais são os dilemas do sistema educacional e do processo de ensino e aprendizagem? De acordo com dados do Ministério da Educação (MEC) aproximadamente 70 milhões de pessoas no mundo são portadoras do Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo que, 2 milhões no Brasil. Diversas mudanças e reformulações percorreram para a classificação do autismo, tais mudanças foram oriundas de uma série de níveis (leves, moderados ou severos). O Programa Salto para o Futuro do MEC debate sobre os meios de garantia do ensino e aprendizagem para crianças e jovens portadores do TEA (BRASIL, 2018).

De acordo com Oliveira (2020) a educação é uma das maiores estratégias para o desenvolvimento de crianças autistas. Por meio da educação, a criança autista é capaz de construir o conhecimento oriundo das matérias, tais como, desenvolver diversas atividades que estão presentes no cotidiano. A efetividade, ou seja, os fundamentos da psicologia educacional são importantes para a aprendizagem dessas crianças, pois se trata de uma aprendizagem que exigirá uma maior dedicação em ensino por parte dos profissionais docentes. Contudo, com carinho, amor e qualidade de ensino, estudantes autistas podem desenvolver habilidades incríveis e conhecimentos que vão além do esperado. O autor ainda declara que se faz necessário um preparo profissional efetivo dos profissionais que atuam na estrutura educacional/escolar e o envolvimento de todos no processo educativo, para que o aluno autista possa desenvolver suas habilidades.

Em termos de adaptação ao contexto, Oliveira (2020) declara que o aluno autista possui muitas dificuldades de adaptação com o mundo externo. Assim sendo, a escola deve oportunizar um espaço direcionado

a este contexto, abrangendo, de fato, os fundamentos inclusivos no Projeto Político Pedagógico (PPP), nos planejamentos anuais de ensino e nos planos de aula. A rotina escolar deve pautar estratégias de adaptação desses alunos, ou seja, não somente a sala de aula deve ser inclusiva, mas sim, toda a estrutura escolar.

Incluir não é só integrar [...] não é estar dentro de uma sala onde a inexistência de conscientização de valores e a aceitação não existem. É aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos, em uma valorização do ser enquanto semelhante a nós com igualdade de direitos e oportunidades. É mais do que desenvolver comportamentos, é uma questão de consciencialização e de atitudes (CAVACO, 2014, p. 31).

Os conhecimentos e pesquisas desenvolvidas sobre o autismo, ainda são de domínio das Ciências da Saúde, entretanto, muitas são as contribuições das pesquisas educacionais, das Ciências Humanas na construção de outros pontos de vista para pensar a escolarização de estudantes autistas. Pesquisas e estudos que emergem de uma perspectiva crítica em âmbito social, pedagógico e histórico, contrapõem o olhar individualizado sobre o TEA. A disseminação de tais estudos na literatura científica permite que novas tendências se entrelaçam aos fundamentos da inclusão escolar e do TEA (WUO, 2019).

#### **IV. Considerações Finais**

Este estudo revelou a necessidade de uma equipe multidisciplinar para atender os alunos com TEA, público-alvo da educação especial inclusiva. Quando se fala de equipe multidisciplinar, espera-se que este aluno tenha o atendimento integrado e articulado de profissionais da psicologia, educação, saúde e de demais áreas que possam contribuir para o seu pleno desenvolvimento enquanto cidadão. Neste sentido, a participação efetiva da família no ambiente escolar é essencial para o desenvolvimento psíquico dos alunos portadores do autismo.

Muitas redes públicas de ensino ofertam o AEE, que busca um ensino baseado nas especificidades do educando portador de necessidades educacionais especiais e, o ideal é que este atendimento seja realizado na SRM a partir de abordagens pedagógicas interativas, utilizando de recursos como as TA que pautam uma aprendizagem direcionada a tais estudantes. Neste sentido, sabe-se que os recursos das redes estaduais e municipais são limitados, entretanto, é possível buscar novas alternativas como a formação continuada, bem como, a abordagem dos temas inclusivos desde a formação inicial de educadores.

Quanto aos métodos de ensino, destacou-se na literatura os métodos: TEACCH, PECS e ABA enquanto potencializadores do ensino inclusivo para alunos com TEA. O autismo enquanto síndrome que provoca limitações na interação social, no desenvolvimento da fala, da linguagem e da aprendizagem necessita de tratamentos e intervenções pedagógicas desde a primeira infância. Para tanto, faz-se necessário que não somente o profissional da inclusão seja um professor inclusivo, mas todos os demais profissionais e toda a escola, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com TEA, garantindo seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

#### **Referências**

- [1]. AMBRÓS, Danieli Martins; OLIVEIRA, Glaucimara Pires. O aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula: caracterização, legislação e inclusão. In: **I Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva**. Anais [...], 2017. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-3/completo-3.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- [2]. ARANTES, Márcio Carlini et al. Transtorno do espectro do autismo na educação física escolar – uma revisão da literatura. **Intellectus Revista Acadêmica Digital**, v. 61, n. 1, p. 100-119, 2020. Disponível em: <http://www.revistaintellectus.com.br/artigos/70.875.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- [3]. BATTISTI, Aline Vasconcelo; HECK Giomar Maria Poletto. A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Fronteira Sul. 47f. 2015. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1251/1/BATTISTI%20e%20HECK.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- [4]. BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. A educação da perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais de desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- [5]. BRASIL. Ministério da Educação. Educação de autistas é o tema do programa Salto para o Futuro. MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/autismo#:~:text=%E2%80%9CA%20inclus%C3%A3o%20social%20da%20crian%C3%A7a,estrutura%20para%20inclu%C3%AD%20la.%E2%80%9D>. Acesso em: 04 abr. 2023.

- [6]. BRASIL. Plano Educacional Individualizado - NAPNE. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://sor.ifsp.edu.br/index.php/ultimos/87-artigos-arquivados/655-plano-educacional-individualizado-napne>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- [7]. CAVACO, Nora. **Minha criança é diferente?** Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais Especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- [8]. CUNHA, Fernando Icaro Jorge; MOURAD, Leonice Aparecida de Fátima Alves Pereira. **Educação Especial Inclusiva: Diálogos da Educação Básica ao Ensino Superior**. Curitiba: Editora Reflexão Acadêmica, 2021.
- [9]. DIAS, Adelaide Alves; SANTOS, Isabelle Sercundes; ABREU, Adams Ricardo Pereira de. Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil. **Zero a seis**, v. 23, n. especial, p. 102-124, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroa6/article/view/79005/45377>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- [10]. DIAS, Cristiane Ott Lopes. Transtorno do espectro autista e educação infantil: possibilidades e práticas no processo de ensino-aprendizagem. **Memorial TCC – Caderno da Graduação**, v. 5, n. 1, p. 557-576, 2019. Disponível em: <https://memorialtcccadernograduacao.fae.edu/cadernotcc/article/view/286/167>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- [11]. FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, p. 103-116, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/QRspYNYnBNvzjTvrbszbQm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- [12]. GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- [13]. GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro et al. O processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA nas escolas regulares: uma revisão de teses e dissertações. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 12-40, jan./jun. 2020, Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v20n1/v20n1a02.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- [14]. MARQUES, Jardel Delgado. Um olhar sobre o currículo inclusivo para além dos aspectos burocráticos. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 21, recurso online, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/21/um-olhar-sobre-o-curriculo-inclusivo-para-alem-dos-aspectos-burocraticos>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- [15]. MARTINS, Alessandra Dilair Formagio; MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. Interações de alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola. **Comunicações Piracicaba**, v. 25, n. 3, p. 271-291, 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/3777>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- [16]. MELLO, Ana Maria S de. **Autismo: guia prático**. 3. ed. São Paulo: AMA, 2005.
- [17]. OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>
- [18]. SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, n. 1, p. 83–89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/#ModalHowcite>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- [19]. SANTANA, Andrielle Moraes de. Et al. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola regular. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 24, n. 11, p. 159-173, 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/escola-regular>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- [20]. SANTOS, Andréa Ferreira dos; ARAÚJO, Rosenéri Lago de Sousa; LIMA, Marilda de Souza. A criança com transtorno do espectro autista na educação infantil: mediação do professor para favorecer o potencial Cognitivo. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 2, p. 1-14, 2019. Disponível em: [https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2019/379\\_a\\_crianca\\_com\\_transtorno\\_do\\_espectro\\_a\\_utista\\_na\\_educacao\\_infantil\\_medi.pdf](https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2019/379_a_crianca_com_transtorno_do_espectro_a_utista_na_educacao_infantil_medi.pdf). Acesso em: 13 fev. 2023.
- [21]. SERRA, Dayse. Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria. **Revista de Psicologia, Fortaleza**, v. 1, n. 2, p. 21-32, abr., 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/66>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- [22]. SILVA, Cleonice Aparecida da. Práticas pedagógicas inclusivas com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. 24f. 2015. Disponível em:

- <https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/SILVA%3B+SILVA%3B+ASFORA+-+2015.2.pdf/491d6719-5141-442b-8856-59aaabda37c>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- [23]. SILVA, Kaliane Jucielle da. A importância do papel do professor frente a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). In: **V Congresso Nacional de Educação**. Anais [...] CONEDU, 2015. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD4\\_SA10\\_ID2588\\_17092018182124.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD4_SA10_ID2588_17092018182124.pdf). Acesso em: 12 abr. 2023.
- [24]. SIVIERO, Nívea Rodrigues do Prado. Inclusão da criança com Transtorno Espectro Autista na educação infantil no município de Mogi Guaçu-SP. **Revista Acadêmica Online**, recurso digital, 2015. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/products/inclusao-da-crianca-com-transtorno-espectro-autista-na-educacao-infantil-no-municipio-de-mogi-guacu-sp%C2%B9/>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- [25]. VIER, Rejane Fernandes da Silva; SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto; PRSYBYCIEM, Moisés Marques. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e orientação psicológica em tempos pandêmicos: suas relações e desafios na educação. **Revista Práxis**, v. 12, n. 1, p. 78-85, 2020. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3474/2706>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- [26]. WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANON, Regina Basso. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. e217841, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/?lang=pt#>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- [27]. WUO, Andrea Soares. Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016). **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 210-223, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Xchrj5dRf6gWzH7bvsZ8gKM/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 04 abr. 2023.

Janete Hickmann. "Transtorno Espectro Autista e ensino inclusivo: uma conexão necessária em fins didático-pedagógicos." *IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS)*, 28(4), 2023, pp. 21-28